

Paulo Borges

PRINCÍPIO E MANIFESTAÇÃO

METAFÍSICA E TEOLOGIA DA ORIGEM
EM TEIXEIRA DE PASCOAES

I



temas portugueses

No Infinito é tudo possível, o próprio Deus!

TEIXEIRA DE PASCOAES, *Duplo Passeio*.

Ils s'acheminèrent vers un château immense,
au frontispice duquel on lisait:
«Je n'appartiens à personne et j'appartiens à tout le monde.
Vous y étiez avant que d'y entrer,
et vous y serez encore quand vous en sortirez.»

DIDEROT, *Jacques le Fataliste et son Maître*.

INTRODUÇÃO

A presente Introdução divide-se em três partes. Na primeira enunciámos os objectivos do presente estudo e desenvolvemos o primeiro deles, expondo a razão e motivo da escolha do tema bem como o sentido conferido aos seus fundamentais conceitos operativos, situando-os no horizonte filosófico da tradição ocidental. Na segunda desenvolvemos a razão da opção por Teixeira de Pascoaes, bem como o geral alcance atribuído ao tema e ao seu tratamento pascoaesiano na caracterização de uma particular vertente do pensamento português contemporâneo. Finalmente, na terceira, pretendemos explicar e justificar algumas outras opções e aspectos, metodológicos, formais e de conteúdo, que este estudo apresenta.

I

O estudo aqui apresentado, com a orientação temática e o horizonte que o título indica — Princípio e Manifestação. Metafísica e Teologia da Origem em Teixeira de Pascoaes —, visa realizar dois objectivos principais, simultâneos e convergentes. Um é o de pensar ao limite, por ventura convertendo-o em limiar¹, a instância pela qual algo se torna possível, seja o ser ou o pensar, o que nos faz também procurar pensar isso pelo qual é possível pensar a instância pela qual algo é possível. Instância que, importa desde já precisar, será sempre

¹ «Talvez não haja limite que também não seja liminar [...]», Eudoro de Sousa, *Mitologia*, Editora Universidade de Brasília, 1980, p. 98.

considerada em dois indissociáveis sentidos: quer como isso que há antes de tudo e para além do qual nada mais há, quer como o que aí se entreabre como sua manifestação e origem de todo o possível. Com efeito, cremos que pensar isso pelo qual algo vem a ser possível implica sempre pensá-lo, simultânea e solidariamente, ainda que com a relativa inadequação que progressivamente se apurará, como fundo primordial e como origem. Daí o título do estudo, que se move fundamentalmente na perspectiva de uma metafísica do Princípio absoluto enquanto Origem manifestativa e, na medida em que tal Princípio pode ser considerado como Deus, na de uma teologia da Criação. Isto se bem que, por um lado, como se irá mostrando, tal perspectiva metafísico-teológica divirja em questões fundamentais da tradição dominante ou mais oficial, assumindo, perante ela, orientações heterodoxas, e, por outro, a perspectiva metafísica tenda não só a superar a teológica, enquanto considera o Deus nela pensado como uma determinação do Princípio absoluto, mas ainda a apontar o rumo da própria auto-superação, enquanto pensamento que em si e discursivamente pudesse aceder à e expressar a Verdade absoluta, ao reconhecer que esse mesmo Princípio é ainda, enquanto pensado como tal, uma determinação ideativa de um inefável que se pode experienciar mas jamais plenamente inteligir, conceptualizar e verbalizar, ainda que por isso mesmo seja fonte e estímulo da maior autenticidade, inovação e rigor no pensamento e na linguagem. Quanto ao outro objectivo referido, ele consiste em realizarmos o primeiro pela hermenêutica e aprofundamento especulativo da questão num e a partir de um autor que, no pensamento português contemporâneo — área de investigação a que nos temos fundamentalmente consagrado e onde o tema assume considerável vulto numa determinada linha de autores, a dos metafísicos mais ou menos heterodoxos: Domingos Tarroso, Cunha Seixas, algum Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Sampaio Bruno, o primeiro Leonardo Coimbra, algum Fernando Pessoa, José Marinho, Eudoro de Sousa e Agostinho da Silva, entre outros —, nos parece, como desenvolveremos, aquele que mais destacada e profundamente (no plano das intuições originais, não da sua explicitação conceptual e desenvolvimento lógico-argumentativo) a assumiu como vital e constante centro e ponto de partida do seu singular pensar poético-especulativo. Tal constituiu para nós razão suficiente de o elegermos como nosso pensador de referência, pese a complexa natureza, as dificuldades e as insuficiências de um pensamento com as características gerais adiante expostas. Enunciados os dois objectivos, tentemos explicitar melhor o sentido e implicações que para nós assumem.

No que respeita ao primeiro, ele radica numa pessoal e existencial predisposição para as questões-limite, em particular as arqueológico-escolásticas, respeitantes à questão da origem primeira e fim último

nossos e de todo o existente, no que não cremos senão assumir uma das mais naturais inquietações e interrogações do espírito e do ser humano, porventura a que preside ao próprio advento da filosofia. Predisposição que, embora movendo-se por vezes nas chamadas margens da razão e da filosofia (na verdade, pensamos, as margens do que ainda não foi reconhecido como íntimo à razão e à filosofia), julgamos ser o que sempre nos levou ao e reenvia para o exercício filosófico da razão como tentativa de compreender e comunicar no limite-limiar do possível aquilo que não é plenamente compreendido e comunicado, seja por intrínseca obscuridade, seja por insuficiente luz do pensamento e da razão enquanto tais, na sua determinação humana ou no seu trânsito evolutivo, seja pelas limitações ou deficiências subjectivas no seu exercício, sendo esta última a condição em que sobretudo nos reconhecemos enquanto autores do presente estudo. Seja como for, cumprir o objectivo de pensar a instância pela qual algo se torna possível passa pelo fazermos nossa aquela questão que, no plano da determinação histórico-filosófica do pensar, Leibniz formulou como «PORQUE HÁ ANTES ALGUMA COISA QUE NADA?»², e Heidegger, retomando-a e transformando-a, como «Porque há em suma ente e não antes nada?»³, ou «Porque há então o ente e não antes nada?»⁴ Questionar radical que, antes de se converter na «questão fundamental da metafísica», com o resvalar para uma indagação sobre a Causa primeira e suprema do ente⁵, nos parece proceder e nutrir-se,

² Cf. G. W. Leibniz, *Principes de la nature et de la grâce fondés en raison / Principes de la philosophie ou Monadologie*, publicados integralmente segundo os manuscritos de Hanôver, Viena e Paris e apresentados conforme «Cartas inéditas» por André Robinet, Paris, PUF, 1986, 3.^a ed., p. 45.

³ Cf. Martin Heidegger, «Qu'est-ce que la métaphysique?», *Questions I*, traduzido do alemão por Henry Corbin, Roger Munier, Alfonse de Waelhens, Walter Biemel, Gérard Granel e André Préau, Gallimard, 1987, p. 45.

⁴ Cf. *idem*, *Introduction à la Métaphysique*, traduzido do alemão e apresentado por Gilbert Kahn, Gallimard, 1985, p. 13. Recordem-se as objecções de Bergson, que vê aqui um dos «pseudo-problemas [...] angustiantes da metafísica» (*La Pensée et le Mouvant*, in *Oeuvres*, textos anotados por André Robinet, introdução por Henri Gouhier, Paris, PUF, 1991, 5.^a ed., pp. 1336-1338), e a sua parcial superação por Gabrielle Dufour-Kowalska, em *L'Origine. L'essence de l'origine. L'origine selon l'«Éthique» de Spinoza*, prefácio de Jeanne Hersch, Paris, Beauchesne, 1973, pp.131-132, nota 3.

⁵ Cf. Martin Heidegger, *Introduction à la Métaphysique*, p. 13; «Qu'est-ce que la métaphysique?», *Questions I*, p. 43. É conhecida a modificação heideggeriana da questão de uma inquirição metafísica sobre a «Causa primeira» do ente para um questionar o próprio «nada», compreendido como o que não é ente, ou seja, como o próprio Ser, cf. *ibidem*, pp. 43-45.

ÍNDICE GERAL

Introdução	11
Siglário	71
CAP. I — O Riso da Ilusão e a Lágrima ilusória. Da criação como cisão, queda e morte de Deus à evolução re-criadora. Abismo, pré-existência e Saudade	77
CAP. II — Dor, Noite e Sombras — a maternal ambiguidade da Origem. Deus como «primeiro criador» e «criatura derradeira». Coexistência do Absoluto, da cisão e da evolução teogónico-teúrgica	113
CAP. III — Da Saudade-Serpente/Satã como potência de união-cisão, auto-excedência e auto-(re)criação da Divindade primordial. Do velho Deus criador ao novo/eterno Deus infante	139
CAP. IV — Os fundamentos metafísicos do saudosismo. Saudade transcendente e saudade revelada. Da Saudade no Princípio à Saudade como alma universal e lusíada: revelação e criação. «Eterna Renascença» do ser e Renascença nacional, religião primordial e nova religião. Da Ilusão divina ao imperativo de «criar ilusão»: o profetismo messiânico-teúrgico e o «novo Cristo»	171
CAP. V — Ninguém e Ilusão, Nada e Sonho. Loucura divina e «bailado de máscaras» da «criação». A cosmogónica fuga de Deus ao «Desconhecido», a «ilusão de Origem» e a irónica outração do Mesmo. Uma metafísica estético-dramática, dionisíaca, carnavalesca e tragicómica	203

CAP. VI — Loucura, Carnaval e «bailado de máscaras»: o Incêndio «em que Deus arde e se consome». O «desvario infantil» do «Deus Menino». O «mistério impenetrável e tremendo» do sofrimento divino: doença de ser Deus e autodesdivinização. As «almas só alma» e os «poetas, cúmplices de Deus no crime da Criação»: manifestação primordial e livre autoconstituição criadora	249
CAP. VII — Irredutibilidade do Imanifestado à manifestação e in-de-finição universal. Deus, vida e existência: os três disfarces do Mistério. O «pobre tolo» como coincidência, in-decisão e «ponte» entre ser «ninguém», ser «turba» e ser ele próprio: identidade, alternância e circularidade entre ocultamento, aparição e aparência. In-ex-sistência, pulsão ex-sistenciante e autocaricatural incarnação das potências originárias: a in-essencialidade do humano como axial representação do teatro do mundo	283
CAP. VIII — Excesso da divina concepção onírica sobre a criação material. Do «Deus-Mesmo» ao «Deus-Outros»: a interactiva unidade dia-bolizante da metamorfose divina e da das almas. Ensimesmamento do Uno, outração, re-ensimesmamento do múltiplo e reintegração: esquecimento e indefinido reinício do processo? A humanidade: «forma eleita do Senhor» ou «fantasma de Deus»? Infância, saudade e ressurreição	327
CAP. IX — Transcendência de Deus e da sua criatividade sobre a re-revelação antagónica como Pai e Filho, Criador e Redentor; uma Criação criadora do Criador e da criatura; relatividade do pecado criador, do arrependimento e remorso divinos e da sua autocorreção redentora. O homem, «impossível realizado ou a realizar-se», mediador da metamorfose fenomenal da divina Loucura. Cristo e o cristianismo: a Verdade da I-lusão, a novidade do Eterno, o Abismo feito Reino de Deus	361
CAP. X — A «Ficção esplendorosa» da «Origem». Ilusão e realidade: máscaras do Abismo que nelas se metamorfoseia e re-vela. Auto-transgressão e auto-esquecimento divinos, pecado criador e mal metafísico. O homem, «sacrilégio de Deus, ou Deus negando-se a si mesmo», centro ilusório e real de tudo. A questão: ser e não ser. Mística e aborrecimento do carnaval do mundo. Cristo: o Verbo do Imanifestado, anterior ao Pai criador e ao Filho redentor, actividades e não pessoas, divinas	401

CAP. XI — Da Divindade, «Nada cheio de Tudo», ao Universo, «Tudo igual a Nada». «Absurdo natural» e «lógico paradoxo» do mundo: um Impossível realizado, uma inexistência existente. Zero e Um. Caos, acaso e indeterminação: «o mundo é mundo por um triz». «Milagre criador» e silêncio sonoro. A «esfera de Parménides» «feita» ou cheia da «água de Heraclito». O homem: «ponte» e «abismo, génesis e redenção», excesso de Deus no mundo e do mundo em Deus. Cristianismo: «o deícida comungando a vítima, o crime feito inocência» 433

CAP. XII — Nada (meta-)real, Verbo-Ilusão e realidade ilusória. «Mistério criador»: o fazer-se e desfazer-se do princípio de identidade, «Deus sendo e não sendo ele». O Deus ateu, irrelativo a ser e saber-se Deus, autonegador, e a crença descrente. O mundo: «aparição aparente» e «absoluto relativo». Das almas e seu «iludir o Vácuo» ao homem: excesso, absurdo e redenção. A esperança desesperada do heroísmo e da santidade como realização do Impossível e triunfo do Imanifestado na manifestação: a «lei de Cristo» 467

Vol. II

- CAP. XIII — O medo criador, essência de Deus e da manifestação. O princípio de identidade contraditória: «A é A e não é A». Simultaneidade de ser e não ser, afirmação e negação, em Deus e no universo. Ateoteísmo e «Ateísmo religioso». Um Deus «antidivino» e enganador. O divino «milagre» e «inutilidade» de tudo ser «para nada»/para o «nada» da Divindade absoluta. A alma e o homem: do Infinito à cisão relativa, pela qual se concebe e diviniza Deus, e sua superação na ignorância 7
- CAP. XIV — Fingimento da divina transcensão da divindade e sofrimento do Nada criador — tragicomédia do «universo» como «doença de Deus» em «eterna [...] agonia». Saudade e ateoteísmo. O adâmico aborrecimento do Paraíso, a alma consciente e a metamorfose do Abismo incriado no surgimento de Deus e do mundo. «Estupidez» da inteligência, ignorância trans-intelectiva e ateidade divina 39
- CAP. XV — Um só Princípio — Nada, Zero ou Deus em si — activando-se benéfica e maleficamente, originando-se como «Alguém» e «alguma coisa». Mentira criadora, auto-ilusão e auto-aversão do Nada-Verdade. Pré e sobre-existência nele das almas, anteriores a si mesmas, e sua cumplicidade no processo. Deus, o «único ateu perfeito», e o ateoteísmo — do princípio de identidade contraditória («A é A e não é A») ao princípio de identidade incerta («A é quase A»). Mistério, ab-surdo e paradoxo. Ilusão e realização do eu. Homem/Cristo-São Francisco, o «amor ao Nada» e o «reino de Deus no futuro» — «viagem da desilusão» divina, reconciliação com «Deus só Deus» e misteriosa perenidade da odisseia manifestativa 57

- CAP. XVI — Misteriosa criatividade de um Deus furtivo ao incriado e ao criado, ao «nada» e ao «quer que é». A auto-desdivinização criadora: «Somos todos ateus, graças a Deus...». «Origem mítica do ser», ilusão e fingimento ontogónico. Uma manifestação incriada. O homem entre o «não existir ainda» e o «não existir já». O cristianismo como autonegação da divina autonegação originária. De Cristo, «Deus mais verdadeiro», para o «Deus verdadeiro», ainda incógnito. O imperativo de franciscanizar a Igreja e a «religião do futuro, já bailada» por Isadora Duncan: «o novo conceito panteísta do Cristianismo ou Neofranciscanismo» 123
- CAP. XVII — Do ser fora de si da Divindade que é, nada sendo, em si, como «Verbo»/Saudade e «contradição» originária. Divina e universal tensão entre o domicílio abscondito e o exílio manifestativo. Coincidência do imutável e do impermanente. Superioridade da experiência crepuscular, auditivo-musical e emotiva do mundo sobre a meridiana, visual e racional. A transcendente supra-existência da alma humana, co-criadora «do Criador», e sua potência de fingimento manifestativo. Medo e tragicomédia. Consciência e «idiotia» escatológica 151
- CAP. XVIII — Absoluta transcendência de «Deus só Deus, antes de ser Criador e Criatura» — só recordada pelas «almas originais» —, e sua imanência no «coração humano, coração do mundo». A manifestação como possibilitação de Deus na alma ou no infinito. «Espectáculo» e «tragédia do Nada»: a determinação humana do Abismo, co-propulsora do seu a-racional impulso manifestativo. A redentora metamorfose da manifestação no Imanifestado como cumprimento de todas as suas possibilidades — viver conforme o Criador e o Redentor, «Fiat Lux» e «Amai-vos uns aos outros». «Cegueira visionária», con-fusão de «princípio» e «fim» e plenitude instante 183
- CAP. XIX — Da Saudade como identidade diferencial da Divindade imanifestada e da sua diferenciação manifestativa na unidade dual do «Criador» e da «Criação». A Grande «Mãe» criadora/redentora de Deus e dos deuses, de homem e mundo. Musicalidade do Ser. Precaridade e errância do humano como inerência ao Abismo primordial. Valor da consciência, humanização da «essência mais íntima das coisas». Superação da relação teândrica, «irmandade» cósmica e regresso à «identidade originária»: excesso do momento crístico da Redenção, divinização franciscana do cristianismo numa «transfiguração panteísta» e «novo Deus universal». Reino de Deus e Era Lusíada 221

CONCLUSÃO	241
Bibliografia	251
*	
Índice temático	365
Índice onomástico	371